

BOTANICA

OS DOIS VELLOSO *

BOTANICOS BRAZILEIROS

Quem no mundo do saber humano não conhece o nome de Velloso? Quem não sabe que houve um celebre Brasileiro deste appellido que honrou a sciencia com grandes trabalhos botanicos, e a quem a mesma sciencia por gratidão recompensou dando o nome de *Vellosia* a uma das familias, de monocotyledones, das mais características e variadas dos sertões do Brasil? E' nessa familia, que, segundo hoje temos averiguado, se filiam essas caprichosas plantas de lindas flores que, em virtude da fôrma rara dos seus pés, em parte semelhantes aos do pândano, os nossos sertanejos denominam *Canellas d'ema*.

Todas as honrarias scientificas tributadas a este nome prestigioso, que revertem indubitavelmente ao Brazil, se creem alcançadas unicamente pelos serviços de um de seus prestimosos filhos, o Padre-mestre José Mariano da Conceição Velloso, autor da *Flora Fluminensis*, nascido na Villa de S. José do Rio das Mortes, na provincia de Minas Geraes, pelos annos de 1742.

Mas a verdade é que, antes deste ecclesiastico, já a sciencia botanica nos sertões do Brazil era cultivada por outro tambem ecclesiastico do mesmo appellido Velloso, igualmente brasileiro e filho de Minas, doutor

* O artigo que se segue foi um dos ultimos que sahio da penna do sempre lembrado, erudito historiador e profundissimo litterato, Visconde do Porto-Seguro, em Abril de 1878.

em philosophia, discipulo de Vandelli e com estudos regulares da mesma sciencia botanica, que o Padre-mestre José Mariano apenas adquiriu como curioso nos claustros do Rio de Janeiro, ou por ventura com algum trato com aquelle seu homonymo. Referimo-nos ao Dr. Joaquim Velloso de Miranda, que se deve considerar como o verdadeiro precursor dos outros botanicos brasileiros, o dito padre José Mariano, Camara, Fr. Leandro do Sacramento, Freire Allemão, e o proprio Dr. Balthazar Lisbôa, autor dos *Annaes do Rio de Janeiro* e de uma importante obra florestal, que temos presente — a *Physica Vegetal da Comarca de Ilheos*, volumoso manuscripto authographo, encadernado em marroquim vermelho, e exornado de 40 grandes estampas coloridas, de arvores dos bosques do Brazil, que n'outro tempo mostramos ao Dr. Freire Allemão, o qual, desde logo, por uma das estampas delle (a 35^a) classificou o vinhatico da *Bahia* como *Echinospermum Balthazarii*, em honra do mesmo autor, a quem já mais de meio seculo antes o padre José Mariano havia votado (escrevendo por engano Bartholomeu em vez de Balthazar) o seu genero *Silvia* (hoje *Escobedia* da família das scrophularineas), nome que acaso deixaria de ser adoptado em virtude dos caprichos do mesmo padre José Mariano em querer, demasiado abusivamente, contemplar amigos seus de menos nomeada, taes como Souza, Costa e Paiva. A respeito do mesmo Dr. Velloso de Miranda ainda ao publicarmos o 2^o volume da 2^a edição da *Historia Geral* abrigavamos muitas duvidas, parte das quaes se acham hoje felizmente dissipadas.

Nascêra o Dr. Joaquim Velloso de Miranda no arrayal do Infeccionado, bispado de Marianna ainda na

primeira metade do seculo passado; pois que em 1772, quando ocorreu a reforma da Universidade de Coimbra, já tinha ordens e até frequencia de tres annos do curso de direito canonico, e por consequencia indubitavelmente uns vinte e tantos annos. Por occasião da reforma, foi admittido a seguir o primeiro anno juridico; porem logo, em 10 de Outubro desse mesmo anno (1772), se matriculou como obrigado no 1º anno mathematico, do qual fez exame e saiu *nemine discrepante* em 14 de Julho de 1773. Em 24 de Maio de 1774 matriculou-se como ordinario no 2º anno da faculdade philosophica, fez exame em 21 de Junho; seguindo-se a matricula no 3º anno em 24 de Outubro desse anno, e exame em 29 de Maio de 1775. Matriculou-se, finalmente, no 4º anno em 6 de Outubro do mesmo 1775; e tomou o grão de bacharel em 18 de Junho de 1776. Em 23 de Junho de 1778 fez acto de repetição de Philosophia; tomou o grão de licenciado em 21 de Julho; e recebeu a borla de doutor em 26 do mesmo mez, publicando nesse anno em Coimbra o folheto de 19 pags. de 4º. sob o titulo: « *Theses ex universa Philosophia.* » Só em 19 de Junho de 1779 se lhe passaram as cartas.

Infelizmente nos archivos da Universidade de Coimbra, donde obtivemos todas estas notas, não se encontra a sua certidão de idade, senão só a declaração de que, quando em 1772 se matriculou, se obrigára a apresentar a dita certidão dentro de um anno, o que ficou em traspasso. Em 22 de Maio de 1780 foi eleito socio correspondente da Academia real das sciencias.

Pouco depois, ao que parece, partiu para Minas e dahi se poz em contacto com Vandelli, effectuando muitas remessas de plantas seccas de especies novas antes que o padre José Mariano por sua parte tivesse

começado a colleccionar. Dessas remessas se aproveitou Vandelli, que em um opusculo de 96 pags. 4º, impresso em Coimbra em 1788 — *Flora Lusitaniæ et Brasiliensis specimen*, não duvidou prestar homenagem aos serviços que devia ao dito Velloso de Miranda, então em Minas, propondo em attenção a elles o dar o nome de *Vellosia* a uma das plantas; o que tanto excitou as iras e invejas do, aliás venerando velho botânico portuguez jesuita João Loureiro, igualmente bastante célebre no mundo, pela sua flora da Conchin-china.

Em um parecer apresentado á Academia real das sciencias de Lisboa fulminou o mesmo Loureiro contra a audacia de Vandelli e de Velloso de haverem inventado nomes novos para os generos novos que faziam conhecer ao mundo scientifico. Taes eram entre outros por Velloso, citado ahi por Vandelli, os da vellosiacea *Barbacenia* (pag. 21), da violacea-*Lavradia* (pag. 15), da acanthacea *Mendocia* (pag. 43); e pelo proprio Vandelli, sem citar o dito Velloso, os de *Lafoensia* (pag. 33), *Vismia* (pag. 51) e *Vellosia* (pag. 23). Pois o padre Loureiro, nem que para fazer mais odiosa a censura, não duvidou assegurar que este ultimo nome fôra dado pelo dito Velloso, que não se esquecêra de si proprio. E tal era a sua autoridade no seio da Academia real que esta só permittiu a reimpressão do dito trabalho de Vandelli, no 1º volume de suas memorias em folio, obrigando-se o autor a eliminar delle, como eliminou, todos esses generos para os quaes eram propostos aquelles nomes novos, já então aceitos pelos mais conspicuos botanicos da Europa e hoje de todo admittidos pela sciencia. E esta reimpressão se fez, pois, sem as cinco laminas contendo 26 figuras

das mencionadas plantas novas e de outras mais. Entre ellas as das *Canellas d'ema* ou novas *Vellosia* e a do *Pacary* ou nova *Lafoensia* estavam desenhadas com bastante perfeição.

Enviou além disso Velloso de Miranda á dita Academia tres opusculos em latim que ainda ha annos se encontravam na mesma Academia, a saber: 1º, *Brasiliensium Plantarum fasciculus J. V. de M. demonstrat*; 2º, *Descriptio animalium quorundam Brasiliensium*; 3º, *Plantarum quarundam Brasiliensium descriptio botanica* (P. 1ª et 2ª).

Não cremos impossivel que para esta residencia em Minas tivesse sido arbitrada, por influencia de Vandelli, ao nosso doutor, alguma gratificação, paga pelos cofres da Capitania, como julgamos que estavam sendo pagas a José Vieira Couto e José de Sá e Bittencourt; quando, pela mesma epoca, estava tambem subvencionado Alexandre Rodrigues Ferreira, do lado do Amazonas. Não será hoje muito difficil averigual-o na cidade do Ouro Preto, e quem sabe que dos assentos na Secretaria do Governo, constará tambem quando cessaria a cobrança e por conseguinte as datas da sua vida posterior e morte, o que para nós é, por emquanto, um mysterio, como tem sido até hoje, para todos, até a propria existencia deste apostolo da sciencia; que, por honra do Brazil, vamos associar ao seu comprovinciano, cujo busto se orna com parte dos louros, que entre ambos devem ser divididos. Restabelecendo a verdade, longe de prejudicar ao Brazil, que passa a contar entre os seus filhos mais um luminar na sciencia, não fazemos mais que um acto de justiça, restituindo a cada qual o que lhe pertence. Pelo menos, teve o padre José Mariano noticia do dito

opusculo de Vandelli; e dos nomes das 392 especies contidos na *Flora Fluminensis* que Martius lhe attribue, já alguns, começando pelo de *Orobanche*, haviam sido dados pelo outro Velloso.

Temos de Velloso de Miranda noticias até 1789, anno em que rebentavam as idéas do que dizem impropriamente *Conspiração mineira*. Seria elle então tambem dos perseguidos por Barbacena (a cuja honra aliás acabava de votar os seus dois generos *Barbacenia* e *Mendocia*) como o foi o seu collega Dr. José de Sá Bittencourt, que apenas chegou a escapar-se conseguindo fugir pelos sertões para a Bahia?

Morreria Velloso de Miranda de fome por esses sertões, ou conseguiria deixar a patria e refugiar-se nos Estados-Unidos, como depois praticaram o sabio Corrêa da Serra e o illustre escriptor Hypolito? De novo appellamos para algum patriota intelligente que, consultando os archivos do Ouro Preto, possa elucidar todos estes enigmas. Em Portugal só deve ter constado a sua morte em 1811; pois ainda neste anno appareceu o seu nome como socio da Academia no almanak, omitindo-se apenas nas listas desde 1812.

Em todo caso, é sem duvida que, já antes de 1788 e 1789, epoca em que o padre José Mariano começa a apparecer com seus trabalhos, lhe levára a dianteira o dito seu comprovinciano; e não seria impossivel suppôr que d'elle herdasse, como dissemos, o gosto pela sciencia e muitas noções d'ella.

Fr. José Mariano passou para Lisboa, segundo se crê, em 1790. Foi empregado na calchographia do Arco do Cego e na direcção da imprensa regia, e promoveu a publicação de muitas obras sobre botanica e industria agricola, arranjasdas ou traduzidas por elle ou por outros

socios, pela maior parte brasileiros, que para isso eram estipendiados, dos quaes citamos Antonio Carlos, Martim Francisco e Fernandes Pinheiro. Os seus trabalhos valeram a recommendação official de D. Rodrigo, para que a sua Ordem o elevasse á dignidade de *padre*. Preparava-se a fazer publica a *Flora Fluminensis*, e para ella se havia concluido a gravura de nada menos que 554 chapas, quando partiu para o Rio de Janeiro com a familia real; deixando essas chapas na imprensa regia. Seguiu-se a occupação franceza; e no dia 29 de Agosto de 1808, *depois do meio dia*, se apresentou na mesma imprensa Mr. Goeffroy St. Hilaire, com uma ordem do Duque de Abrantes (Soult), datada do 1º do mez, para que lhe fossem todas entregues, como foi feito; levando comsigo as 554 chapas na mesma sege em que viera. Consta este facto dos registros da propria imprensa regia do *Livro das Consultas da Junta administrativa* fol. 31.

Que fim tiveram essas chapas? Claro está que foram levadas para França. Fr. Mariano falleceu em 1811. Pouco depois se apresentou no Brazil, como viajante occupando-se quasi exclusivamente de botanica, Augusto de St. Hilaire, parente do dito Geoffroy; e começaram a ser publicadas em França, acompanhadas das competentes descripções em francez ou em latim, um grande numero de estampas de plantas do Brazil. Não terão sido algumas dellas aproveitadas das ditas 554? A conjectura é plausivel pelo menos em quanto não appareçam essas 554 chapas. Convidamos aos botanicos francezes a nos ministrarem esclarecimentos a este respeito em defeza da propria memoria de St. Hilaire.
